

A SABEDORIA DO VIVER E CONVIVER NO PRESENTE

Haroldo Reimer

A partir da pergunta fundamental de Ec 1,3 e à luz de um juízo geral negativo da realidade experimentada como *hebel*, Eclesiastes postula em sete momentos suas propostas de utopia para o tempo presente. As formulações variam de uma passagem para outra, mas nelas repetem-se alguns elementos temáticos.

2,24: “Nada há melhor ao ser humano do que comer e beber e fazer ver o bem do seu trabalho”;

3,12-13: “Reconheci que não há nada melhor entre eles [para o ser humano] do que alegrar-se e fazer o bem em sua vida; e também todo ser humano comer e beber e ver o bem em todo o seu trabalho debaixo do sol”;

3,22: “E vi que não há nada melhor do que alegrar-se o ser humano nos afazeres dele, pois isso é a porção dele”;

5,17-18: “Eis o que vejo como sendo bom e bonito: comer e beber e ver a coisa boa em todo seu trabalho com que [o ser humano] se afadiga debaixo do sol durante o número dos dias que o Deus lhe concede, pois esta é a sua porção. E [vi] também que todo ser humano a quem o Deus deu riqueza e recursos e o tornou apto para deles comer e beber a sua parte e para alegrar-se no seu trabalho; isto é dádiva de Deus”;

8,15: “E exaltei a alegria, pois não há nada melhor para o ser humano debaixo do sol do que comer e beber e alegrar-se e isto o acompanhará no seu trabalho nos dias de sua vida, que lhe der o Deus debaixo do sol”;

9,7-9: “Vai, come com alegria o teu pão e bebe de bom coração o teu vinho, pois se agradou o Deus com teus afazeres; em todo tempo sejam alvas as tuas vestes e óleo sobre a cabeça não deixe de existir; vê a vida com a mulher que amas todos os dias da vida de tua fugacidade, pois esta é a tua porção na vida e no teu trabalho, o qual tu realizas debaixo do sol”;

11,1-2: “Lança o teu pão sobre a face das águas que depois de muitos dias o encontrarás; dá uma porção a sete e até a oito, pois não sabes que mal sobrevirá à terra”.

Em cinco destas proposições positivas aparece o ‘comer e beber’ (2,24; 3,13; 5,18; 8,15; 9,7-9 como indicativos para o gozo de uma vida em bem-estar. É verdade que na crítica de alguns profetas pré-exílicos, o ‘beber’ estava associado a excessos de consumo na ‘dolce vita’ da corte (Am 4,1; 6,1-7) ou ao modo de vida típico dos governantes (Jr 22,13-19). É até possível que aqui haja algum vício deste tipo de linguagem. No entanto, é melhor entender o comer e o beber como elementos factíveis, visíveis e sensíveis de uma vida na realização do bem-estar dentro do ciclo vital que ruma para a morte e é marcada pelo não-sentido, o *hébel*.

Na mesma linha de pensamento segue a expressão “e ver o bem de todo o seu trabalho” (2,24; 3,13).

Usualmente, a expressão é traduzida por ‘gozar’, ‘desfrutar’. O sentido está em si correto, mas cabe ressaltar uma nuance de que se trata de uma relação de proximidade ótica e de estética com o produto do trabalho. Poderia ser indicativo para a riqueza que se acumula diante dos olhos. Mas, a partir do contexto esboçado, e diante da fugacidade da vida e das coisas materiais naquele sistema de produção fatigante e fugaz, a relação visual e estética com o fruto do trabalho, com o produto concreto da obra das mãos, é motivo de alegria e grande satisfação.

Neste sentido, o ‘ver o bem do seu trabalho fatigante’ é uma proposta sutil contra a volatilidade dos produtos agrários judaicos, destinados a atender interesses e ‘mercados’ externos ao invés de se materializarem para o real desfrute das pessoas na terra e no lugar em que são produzidos. Comer e beber e ver o bem do seu trabalho não é simplesmente uma proposta resignativa ou indicativa de algum tipo de desfrute hedonista da materialidade da vida, mas constitui uma proposta indicativa para as relações da macro-economia. A primazia nas relações econômicas dever estar na satisfação das necessidades básicas da vida (comer e beber), incluindo-se obviamente as festas como momentos de eternização do presente em gratuidade e na relação de contato visual duradouro com os produtos da atividade humana. Coélet privilegia o sujeito frente às instituições econômicas, políticas, sociais e religiosas. Deve-se viver intensamente os momentos gratificantes da vida. O corpo e a sensualidade estão em primeiro plano nas reflexões neste livro bíblico.

Dentro das propostas positivas de Eclesiastes destaca-se também a referência à “porção” (3,22; 5,17; 9,9). O termo hebraico *heleq* (ou *helqah*), como derivado da raiz verbal *halaq*, “repartir, dividir, dar como porção”, provém da linguagem jurídica das relações de propriedade da terra. O termo significa mais exatamente a parte que, por direito, cabe à família ou ao *pater famílias* dentro das terras da comunidade ou do clã. É um termo sinônimo de *nahalah*, podendo indicar a herança de uma roça ou terra (Mq 2,4). Em Eclesiastes, o uso desse termo é significativo, pois indica que o comer e beber, bem como o ver o resultado de seu trabalho é um *direito* fundamental da pessoa.

Aqui Coélet diverge da sabedoria tradicional que afirmava que o bem-estar na vida deve ser entendido como retribuição ou prêmio pelas ações do ser humano. Em meio à fugacidade, dentro da intensa dinâmica comercial do sistema ptolomaico, que significa uma profunda perturbação externa sobre a dinâmica própria e cotidiana das famílias e clãs nas aldeias e cidades, não pode haver muito espaço para a devida retribuição pelo agir humano. Antes, é necessário afirmar um direito fundamental e inalienável ao comer e beber e à alegria da relação estética com o produto do seu trabalho e uma relação sensual e erótica com as pessoas. Também a dimensão da solidariedade é vislumbrada como possível para superar estruturas injustas.

Esse direito fundamental e inalienável da pessoa humana é teologicamente fundamentado. O direito ao bem-estar é dádiva da Divindade, mas não no sentido de prêmio ou retribuição, como afirmava a sabedoria tradicional de Israel, nem como prêmio pela atividade ilimitada, como se pensava em setores da filosofia grega. Esse direito deriva do próprio governo de Deus. Coélet mantém essa afirmação tradicional, embora Divindade ou ‘o Deus’ (*há-’elohim*) seja entendido como uma grandeza não-transparente e indecifrável e, portanto, também não manejável de modo mecânico dentro de um pensamento retributivo.

Coélet tem boas lições a ensinar pra gente. É bom a gente se colocar na escuta e valorizar o tempo presente. *Carpe diem!* Aproveitemos o dia!

Originalmente publicado em:

REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes*. A sabedoria do viver e conviver. São Leopoldo: Cebi, 2006, p. 43-45.